

Chacina do Caiboaté.

Não pode a lança contra o arcabuz
Não pode a flecha com a colubrina
Não pode a cruz com a mentira
Não pode a fé com a chacina

Não pode o braço contra o ferro
Não pode o fraco com o prepotente
Não pode a tribo contra dois imperios
Pode o covarde mais do que o temente
Mais que o nativo pode o estrangeiro
O traiçoeiro mais que o sincero

Fevereiro
1500 cavaleiros
Prisioneiro nenhum.

Tombam valentes naquele esforço
Morrem os crentes, caem nos fossos
Corpos rasgados, sangue nos cerros
Chão encarnado, tumba de guerreiros

O mundo acaba em Caiboaté
Fogo de bala pro índio revel
Nem Ñenguirú, e nem Tiarajú
Nem Deus, nem pai, nem José, nem Jesus
Morte inocente, sem paz nem cruz
Gente da gente, alma do sul.

Fevereiro
1500 cavaleiros
Prisioneiro nenhum.